

## **Volta Redonda – CSN – Um Espaço Dual**

Magali Nogueira da Silva Calife<sup>1</sup>

*“O espaço é a sociedade, e a revela por inteiro. É esplêndido recurso de “leitura” da sociedade. E a leitura, invariavelmente, será feita pelos óculos ideológicos de quem a faz: “óculos empíricos” ou “óculos dialéticos”.*

*Ruy Moreira*

A ocupação da região sul do Estado do Rio de Janeiro tem início no final do século XVIII, com o declínio do ciclo do ouro em Minas Gerais. Porém, a expansão do povoamento da região vai se dar principalmente a partir do século seguinte com o desenvolvimento da lavoura cafeeira no Vale do Paraíba. Surgiram então várias fazendas ligadas ao café e posteriormente um pequeno lugarejo que deram o nome de Santo Antonio de “Volta Redonda”<sup>2</sup>.

As terras de Santo Antonio de Volta Redonda pertenceram sucessivamente aos termos da cidade do Rio de Janeiro (1565-1801) da Vila de Rezende (1801-1813), da Vila de São João Príncipe (1813-1820), das Vilas de São João Príncipe e da Nossa Senhora de Valença (1820-1832) e da Vila de São Sebastião da Barra Mansa (1832-1854).

Em 1871, foi inaugurada em Volta Redonda a estação da Estrada de Ferro D. Pedro II (depois Central do Brasil) – objetivo pelo qual, desde 1860, se mobilizava grande parte da população local. Com esta iniciativa, a localidade transformou-se rapidamente em entreposto de mercadorias entre a Corte e a Província de Minas Gerais, o que resultou em incentivo ao desenvolvimento do comércio, expandindo o número de lojas, armazéns, tavernas e hospedarias.

Precisamente em 1880, Santo Antônio de Volta Redonda, é então elevado à categoria de Distrito de Paz, contava com dois núcleos urbanos

definidos, distribuídos às margens do rio Paraíba do Sul, sendo que o da margem direita já apresentava agência de correios, estação ferroviária, duas escolas, estabelecimentos comerciais e uma linha de bondes de tração animal. Uma ponte de madeira ligava os dois núcleos.

No início de 1880, no entanto, a produção cafeeira do Vale do Paraíba entra em declínio. Para isso contribuíram vários fatores: exaustão das terras pela utilização de técnicas de produção tradicionais, endividamento dos senhores, o alto custo da mão-de-obra, etc.

Segundo Athayde a partir de 1888 a decadência de Santo Antônio de Volta Redonda se acentua. Posteriormente, já na República, alguns fazendeiros, estimulados pelo Governo Estadual, ainda procuraram substituir a mão-de-obra que até a pouco, era escava pelo trabalhador livre e, em 1893, tentaram atrair imigrantes para suas terras. Porém, uma praga de gafanhotos, em 1907, e a “peste do gado”<sup>3</sup> em 1914 provocariam a degradação da propriedade agrícola. Em apenas duas décadas, o preço do alqueire de terra baixou de “700\$000 em 1900 para 46\$300, em 1920”<sup>4</sup>. A partir desta época, inúmeros fazendeiros oriundos de Minas Gerais e estimulados pela inauguração de um trecho ferroviário da antiga Estrada de Ferro Oeste de Minas, passaram a adquirir velhas fazendas de café em Santo Antônio de Volta Redonda, algumas decadentes ou abandonadas. Nesse período, desenvolveu-se a pecuária na região. Até o final da década de 30, Santo Antônio de Volta Redonda passou por sucessivos ciclos de produção agrícola, acarretando uma permanente oscilação demográfica.

No início da década de “40”<sup>5</sup>, Santo Antônio de Volta Redonda contava aproximadamente, 3000 habitantes. Sua conformação em pouco diferia daquela construída em décadas anteriores. Era um típico arraial, cumprindo funções de entreposto.

Segundo Leonor Barreira Carvo:

“... o arraial compunha-se de uma igreja devotada a Santo Antônio, uma escola, uma cadeia, uma Agência dos Correios, um bar, uma padaria e alguns armazéns que serviam de depósito para as mercadorias provenientes das fazendas, até seu embarque para outras cidades, além de umas poucas casas residenciais. No núcleo ao redor da estação ferroviária grupam-se alguns armazéns e

depósitos, duas pensões e duas farmácias: em suas proximidades encontram-se um antigo engenho e uma cerâmica”.<sup>6</sup>

Resultado de uma lenta evolução, ao longo de quase dois séculos, a localidade tinha sua vida marcada pela passagem dos trens pelo repique dos sinos da igreja de Santo Antônio. Assim, a maioria dos seus poucos habitantes dedicava-se a atividade agro-pastoril.

“O espaço que nos interessa é o espaço social, que contém ou é contido por todos esses múltiplos de espaço (...) O espaço é a morada do homem, é o seu lugar de vida e de trabalho. Por isso, o lugar é, antes de tudo, uma porção da face da Terra identificada por um nome.”<sup>7</sup>

Assim era Santo Antônio de Volta Redonda em 1941. Esse quadro de morosidade e vida pacata, poucas relações e ruralismo foi radicalmente alterado com o início das obras da CSN, criada em 1941.

Para a construção da Usina, foi adquirida pelo Estado do Rio de Janeiro a Fazenda Santa Cecília pertencente a Nelson Godoi, e doada à Companhia.

O início dos trabalhos no espaço aí delineado irá significar uma mudança radical na vida e nas características sócio-econômicas da localidade. Um espaço cujas bases serão, vincadas nas contradições de classe e o seu conteúdo as lutas travadas por estas classes contraditórias.

Por isso:

“Os objetos geográficos aparecem em localizações correspondendo aos objetivos da produção em um dado momento e, em seguida, por sua presença, eles influenciam os momentos subsequentes da produção.”<sup>8</sup>

Há então uma dialética do espaço?

“Enfim, há sempre uma primeira natureza prestes a se transformar em seguida; uma depende da outra, porque a natureza segunda não se realiza sem as condições da natureza primeira e a natureza primeira é sempre incompleta e não se produz sem que a natureza segunda se realize. Este é o princípio da dialética do espaço.”<sup>9</sup>

Essa dialética do espaço explicitar-se-á com todas as suas “forças” e implicações no espaço delineado em Santo Antônio de Volta Redonda, a partir das instalações da CSN.

A decisão acerca do local para a usina certamente não se prendeu apenas a critérios técnicos e econômicos, nela componentes políticos tiveram peso considerável. Baer, refuta os argumentos técnicos da Comissão Executiva do Plano Siderúrgico Nacional, relativamente ao sistema de transporte e à mão-de-obra barata, apresentados como vantagens locais. Avalia que a escolha do Estado do Rio de Janeiro significava um forte estímulo a produção industrial fluminense, já em declínio, e que esse fato seria uma concessão a Amaral Peixoto, genro de Getúlio Vargas e interventor federal no Estado.

O laço familiar entre Vargas e Amaral Peixoto é sempre lembrado para explicar a escolha do Estado do Rio de Janeiro e muito provavelmente influenciou na decisão.

Para a “modelagem” da classe operária, era necessário um sítio isolado, pois a construção de uma cidade era parte fundamental do projeto disciplinador, controlador do espaço, permitido pela imbricação das esferas da moradia e do trabalho.

Com muita precisão sobre o assunto assim se expressou Carlos: “O conteúdo do espaço é o conteúdo da sociedade.”<sup>10</sup>

A Diretoria da CSN não recorreu ao IAPI<sup>11</sup> para a construção de habitações, não só instituto estava, na época, ingressando nessa área de construções como também a cidade, planejada para servir a Usina, obedeceria a uma proposta de autarcização da empresa, que seria dona de seus terrenos e construções. Do planejamento à execução tudo deveria seguir às normas da Diretoria. O Relatório da Comissão Executiva do Plano Siderúrgico já falava no planejamento da cidade operária, a cargo da Seção de Urbanismo.

“A Seção de Urbanismo concentrou as suas atenções no exame e estudo dos problemas ligados ao plano de cidade operária, tais como levantamento topográfico, traçado geral da cidade, edifícios públicos e tipos de unidades residenciais. No traçado geral da cidade operária, mereceria carinho especial os pontos de recreação coletiva, tais como parques, praças de esporte, play-

groud, etc., tudo dentro das normas modernas de urbanização.”<sup>12</sup>

Nas palavras de Macedo Soares:

“O plano urbanístico da cidade e construção das residências constituiu um departamento a parte, com os recursos indispensáveis. Entretanto, a CSN alugara todo um hotel em Barra Mansa, cuja construção terminara naquela época, mais residências de fazendas e algumas casas nas redondezas, centenas de habitações coletivas foram construídas de madeira, a qual vinha de trens completos do Paraná. A falta de conforto era muito grande. Só no segundo semestre de 1943 começaram a ser entregues habitações definitivas aos quadros e aos trabalhadores.”<sup>13</sup>

Assim, já em 1941, a Companhia montou, sob a chefia do Engenheiro Ary Torres, um Escritório Técnico no Rio de Janeiro e outro em Volta Redonda, destinados a realizar estudo preliminares, como levantamentos topográficos e análises do subsolo, bem como elaborar projetos e acompanhar as construções.

“Santo Antônio de Volta Redonda”<sup>14</sup> ficaria dividida em duas: à margem direita do rio, desenvolvia-se o núcleo urbano a partir da conjugação do Plano de Implantação da Usina – seria a “Cidade Nova”; à margem esquerda, a “Cidade Velha”, separada pela CSN e que não dispunha dos serviços da parte planejada. Os “antigos habitantes”<sup>15</sup> não aproveitados pela CSN foram deslocados para a parte “Velha” ou para a periferia da cidade e “os grandes proprietários da região aí se converteram em loteadores e especuladores de terrenos”.

Em 1942, foram iniciados os primeiros trabalhos de construção da usina, bem como dos setores residenciais e comerciais, obedecendo a um plano diretor geral, sob a coordenação de Macedo Soares. Imediatamente foi necessário organizar alojamentos, instalações sanitárias, refeitórios, oficinas para os trabalhadores destinados à construção.

O início dos trabalhos da Companhia iria significar uma mudança radical na vida e nas características da localidade. Em 1942, a CSN já empregava 6154 trabalhadores, portanto mais do que o dobro de habitantes do “distrito”, ocupados na construção da usina e da cidade.

Na grande imprensa Santo Antônio de Volta Redonda era saudada como a maior cidade industrial do país.

“Volta Redonda será habitada por cerca de 4.000 habitantes operários sob a direção de dezenas de técnicos, deverá configurar-se como cidade operária para 20.000 habitantes e será provida de água e esgotos e tudo o mais que se relaciona com a perfeita instalação de um núcleo urbano.”<sup>16</sup>

Das empresas estatais criadas nesse período, a CSN é a única que chega a construir uma cidade associando o mundo fabril ao urbano no processo de dominação e controle do espaço.

“Monopólio sobre o espaço, o capital controla os homens.”<sup>17</sup>

A Cidade Operária, expressou a lógica do capital e os interesses ideológicos do desenvolvimento nacional.

O projeto da cidade, como veremos a seguir, favoreceu o modelo de dominação, possibilitando a gestão da vida do trabalhador fora da usina e, assim, o controle da quase totalidade de seus atos.

Para realizar o projeto da Cidade foi contratado o arquiteto e urbanista “Attilio Corrêa Lima”<sup>18</sup> que estabeleceu o traçado geral da cidade, a classificação e uso dos espaços e as topologias construtivas a serem adotadas.

A incumbência recebida por Attilio era projetar uma cidade moderna, com aproximadamente 4.000 habitações individuais, infra-estrutura adequada e equipamentos urbanos variados. O urbanismo, associado à arquitetura, deveria compor “a imagem de progresso a ser refletida para o país”.<sup>19</sup>

Atendendo “racionalmente” a este programa, o planejador adotou, como idéias norteadoras de seu projeto, a economia nas construções e nos arruamentos e a utilização de amplos espaços livres comuns. Optou, também, por respeitar a topografia local – relevo de baixa altitude e vales – ocupando o terreno relativamente plano dos vales.

A circulação de pedestres ganhou especial importância: o plano dispunha 70% das habitações em áreas urbanizadas, em substituição às vias

tradicionais para tráfego de veículos. As casas geminadas duas a duas, eram recuadas 10 metros da via pública e ficavam em meio a jardins, sem muros ou cercas, ampliando a integração com os espaços verdes. O recuo visava, garantir, também, a insolação e que fossem arejadas de acordo com preceitos bem definidos de “higiene”.

Foi prevista uma cidade linear, com desenho simples e equilibrado, e funções principais bem articuladas. A área central, ocupada pelo centro comercial, desenvolve-se paralelamente à usina, e concentra a infra-estrutura: creche, hospital, ambulatório, escola, cinema, clube, restaurante para operários, hotel para empregados solteiros e viajantes, sendo os mais importante deles o Hotel Bela Vista, localizado no alto da cidade. Também praças e serviços públicos como correio, polícia e bombeiros. Em torno do centro comercial se colocam a usina, de um lado, e de outro a “Vila Santa Cecília” (bairro destinado aos técnicos e operários especializados). Ao fundo, o “Conforto” (bairro para operários não especializados) e, em frente, num plano elevado, o bairro dos engenheiros. Esta disposição permite que os três bairros residenciais tenham acesso rápido e direto ao centro comercial e à usina.

“O espaço organiza-se segundo a estrutura de classes do lugar e a correlação de forças que entre elas se estabelecem.”<sup>20</sup>

Em Volta Redonda cada classe social definiu seu espaço próprio de existência. A corriqueira expressão “ponha-se no seu lugar” com que o dominante refere-se ao dominado tem aí clara significação espacial.

As casas foram planejadas segundo sete tipos diferentes variando a localização, tamanho e comodidades destinadas a engenheiros, mestres, contra-mestres e operários.

Algumas largas avenidas funcionam como eixos a orientar e organizar o espaço, permitindo, ao mesmo tempo, a criação de efeitos que se quer destacar. Um exemplo é o “escritório central”, prédio destinado aos serviços administrativos e de direção da CSN, que, com seus 16 andares, projeta a hierarquia da empresa e marca a ascendência desta com relação cidade. Para reforçar ainda mais essa dominância, foi construído ao final da avenida que forma o eixo do centro comercial. O “Laranjal”, bairro destinado aos engenheiros, ocupa, uma colina a dominar externamente a Cidade Operária. O

planejamento reproduziu fielmente na cidade a estratificação funcional e salarial existente na produção: a operários, técnicos e engenheiros couberam bairros diferentes quanto a localização, ao tamanho dos lotes e aos tipos de residência.

Em Volta Redonda a estrutura operacional reproduziria com a cumplicidade da topografia, a hierarquia da empresa. Inscrevia-se, assim, no espaço urbano a hierarquia da Companhia, prescrevendo a cada um o seu lugar: as mansões nas colinas, com uma bela vista sobre o rio Paraíba do Sul, para os diretores, logo abaixo os gerentes e engenheiros, perto da fábrica, supervisores, técnicos e pessoal de escritório, e, mais adiante, os bairros operários, tudo dentro “das normas mais modernas de urbanismo” como já propunha o Relatório da Comissão do Plano Siderúrgico Nacional.

O rebatimento da organização fabril ao espaço urbano marcava a subordinação da cidade à atividade produtiva, em busca de uma eficácia mais ampla – a construção do “homem novo”, o cidadão trabalhador brasileiro, produtivo economicamente, mas “dócil” e “submisso”. Esta, que poderíamos chamar, “outra face do planejamento”, não revelada nos documentos oficiais, a cidade projetada segundo as mais modernas normas de urbanismo, a que se refere o Relatório da Comissão Executiva do Plano Siderúrgico Nacional, é uma das primeiras experiências do urbanismo no Brasil.

Já em 1942, o “Acampamento Principal” (ou Central, como passou a ser chamado) foi construído à leste da usina, em área contígua à mesma, com acesso direto ao canteiro de obras. Compunha-se de alojamentos coletivos e casas para operários braçais e especializados. As construções, em madeira sobre pilares em alvenaria e servidas por energia elétrica, rede de esgoto sanitário e rede de água potável. As casas dispunham de instalações sanitárias próprias e os alojamentos, de banheiro coletivo. Havia, ainda, um hospital, um armazém e um restaurante para operários. Este acampamento, como o próprio nome diz, era o principal: de maiores dimensões, em área central de fácil acesso à usina. O “Acampamento Rústico” também ganhou uma denominação qualificadora: construído em área mais distante da usina reunia casas de pau a pique, barreadas e rebocadas. Era a outra face: a ausência de infra-estrutura e a baixa qualidade formavam um quadro precário.



Os acampamentos eram insuficientes para abrigar toda a população ocupada pela CSN, e os alojamentos coletivos foram se multiplicando no interior da área industrial, junto dos departamentos: alojamento de laminação, alojamento da coqueria... A cidade e a usina ainda não tinham “fronteiras”. Com base na Resolução da Diretoria nº 917, de 27 de abril de 1948 são “ultimadas as providências para fechar o perímetro da usina. É, então, colocada uma cerca de tela e arame farpado” separando usina e cidade. Barracos particulares eram construídos nestes locais, gerando situações de verdadeira promiscuidade entre os mundos privado (casa e do trabalho público).

“O espaço deve ser considerado como um conjunto de realizações realizadas através de funções e de formas que se apresentam como testemunho de uma história escrita por processos do passado e do presente.”<sup>21</sup>

Em meio ao rigor daqueles tempos pioneiros cresceram a usina e a cidade. Em fins de 1944 a coqueria, os altos-fornos, a maior parte da usina termo-elétrica, a estação de tratamento de água, as oficinas de manutenção e alguns departamentos menores já estavam terminados; em fins de 1945, cerca de 80% da usina estava concluída.

O efetivo de pessoal crescera rapidamente, chegando a 13.064 empregados ao final de 1944, durante o ano de 1945, com a eminência do término das obras, esse número começou a cair – somente neste ano foram demitidos em torno de 2.000 operários – para logo depois, ser estabilizado. As demissões atingiram os operários da construção civil, que não seriam aproveitados na operação da usina.

Em junho de 1946, com a primeira “corrida do aço”<sup>22</sup>, a usina foi inaugurada.

“Eu acendi o alto-forno, fui escolhido no meio da turma que fosse eu né. Graças a Deus me dava muito bem com o engenheiro. O engenheiro Zé Pedro que era um homem muito bom e até hoje ele pergunta por mim (...) Ai eu fui escolhido na época do forno 1. (...) Eu acendi o forno 1 com o General Dutra (...).”<sup>23</sup>

Em maio de 1948 a linha de produção começou a operar em sua totalidade. A Cidade Operária, pouco a pouco, ia se tornando habitada. No

segundo semestre de 1943 foram entregues as primeiras residências – 462 unidades – e em 1948 esse número totalizava 3.003 habitações.

O ano de 1948 marcou uma inflexão na vida do agrupamento humano que se reunia em torno da CSN. O plano de construção industrial foi concluído e uma cerca levantada no perímetro da usina, separando-a da cidade.

“... objetivando a estratégia da alienação humana, o espaço delineado pelo capital é bem a medida dos homens concretos mas são os homens concretos que constróem o espaço. Podem fazê-los, pois, para os homens.”<sup>24</sup>

O discurso oficial da empresa siderúrgica apresentava as facilidades oferecidas à vida na Cidade Operária:

“Aqui há ruas cheias de árvores floridas e belas casas.”<sup>25</sup>

A paisagem urbana era ressaltada pela beleza e amenidade conferidos pelo relevo suave, pela arborização das ruas e ajardinamento das casas, pela simplicidade e equilíbrio das construções e do traçado urbano. Tudo isso formava, na linguagem da CSN:

“(...) um cenário de agradável presença, como um convite à felicidade.”<sup>26</sup>

Esse discurso, tantas vezes repetido pela empresa, e reproduzido de “boca em boca”, objetivava controlar ideologicamente o trabalhador. O clima repousante, de tranquilidade e acolhimento da cidade era utilizado como o contraponto do trabalho duro, do ritmo intenso e do ambiente opressor do trabalho na usina. Casa e trabalho, cidade e fábrica, formam-no discurso da empresa uma totalidade indissociável.

A cidade deveria servir para obter a adesão dos operários ao projeto industrializante e assim neutralizando possíveis sentimentos de revolta e estabelecer laços emocionais de dependência paternalista. Tratava-se de construir um “novo modelo” de trabalhador.

Mas, por outro lado, esse mesmo discurso se apresentava numa prática concreta, que não pode ser ignorada: a CSN ergueu a estrutura física de uma cidade operária, onde as condições materiais de vida eram superiores as

imperantes para média do operariado. As vilas operárias construídas pela Companhia, já prontas em 1946, eram de padrão elevado e a cidade de Volta Redonda apresentava como modelo do “Brasil do futuro”.

O objetivo de dominação embutido no projeto nos parece estar suficientemente desmistificado. Importa, agora, que nos indaguemos sobre a relação deste projeto com os operários. A experiência de viver na Cidade Operária era estendida a uma pequena parcela da população, que, por sua vez, se multiplicava. Forasteiros de diversas origens, e com diferentes interesses, se dirigiam a Volta Redonda. O comércio se desenvolvia, pequenos estabelecimentos de serviços eram instalados e a atividade industrial, diretamente relacionada à produção da CSN, também foi estimulada logo nos primeiros anos de funcionamento da usina. A década de 40 conheceu consideravelmente incremento populacional: em 1950, eram “35.964”<sup>27</sup> os habitantes de Volta Redonda, contrastando, essa população, com as 2.782 pessoas residentes em 1940.

Com um cálculo rápido podemos verificar que mais da metade dessa população vivia externamente à área da CSN. Considerando-se que em 1950 a Cidade Operária contava com 3.003 habitações, e admitindo-se uma família média de 5 componentes, temos que somente 15.015 pessoas poderiam habitar a Cidade Operária. Portanto, menos da metade da população total.

Ao lado da Cidade Operária crescia, de forma desordenada, o povoado original de Santo Antônio de Volta Redonda. O processo de “transbordamento”<sup>28</sup>. Portanto, começou a ocorrer já no final dos anos 40, como resultante, de um lado, da insuficiência de habitações oferecidas pela CSN aos operários e, de outro, da atração e indução que a usina provocava sobre a atividade econômica. Sobre isto assim se expressou “Jamil Wadih Rizkalla”<sup>29</sup>: Naquela época Volta Redonda parecia um Eldorado do Brasil.

O espaço urbano se fez dual. A vida na Cidade Operária tinha ritmo e qualidade totalmente distintos dos encontrados na outra Volta Redonda, a cidade aberta, que crescia sem cuidados com a ocupação, sem os serviços públicos adequados, em precárias condições de habitabilidade.

Você andava na Avenida Paulo de Frontin, no tempo seco, com poeira. No tempo de chuva, para ir a estação, ali você

tinha que andar nos trilhos dos caminhões, dada a quantidade de lama. Na parte aqui de fora, praticamente não existia infra-estrutura. Então você tinha aqui, na Paulo de Frontin, a única propriedade que possuía água encanada. Era a delegacia de polícia. Era a única que possuía, vamos dizer, um ramal d'água, cedido pela siderúrgica. Nas demais propriedades, o esgoto era a céu aberto, ou aqueles que tinham alguma noção de higiene faziam fossa. E poços. A água geralmente era salobra. Você tomava banho e o sabonete não fazia espuma. E por quê? Por que toda esta região estava praticamente sobre um pantanal.

Certa feita o Rio Paraíba do Sul encheu e chegou até a delegacia; e o receio nosso era tanto, que a população ficava colocando palitos de fósforos para medir se o Paraíba estava subindo, subindo e subiu. Inundou muita coisa daqui desse lado e do lado esquerdo do Paraíba – o povoado.

O povoado era ligado ao centro, através de charretes. Mais tarde é que tinha, assim, um ônibus muito primitivo, uma lotação muito ruim! É, às vezes, pelo fato de não limparem o piso da lotação, chegava a nascer até milho! Você vê como é que era, não.”<sup>30</sup>

O lazer, as diversões, eram buscados fora da cidade:

“Praticamente não existia convivência social programada. Então, nos fins de semana, a população ou ia para Barra Mansa, onde tinha uma situação organizada, ou ‘vazava’ para Barra do Piraí.”<sup>31</sup>

Na localidade, como na roça, somente se podia contar com a oferta da natureza:

“Aqui do lado onde hoje se chama Aterrado, existia uma grande olaria do “Seu Justo” – Justo Vicente Sexto, que ainda hoje está vivo. Pois bem, tudo aquilo ali era praticamente um pantanal. Então, ali na olaria, tirava-se o barro para fazer o que a cerâmica necessitava e a garotada, aqueles que gostavam de pescar, iam lá pescar naquela área que o Paraíba às vezes tomava. Ia pescar, caçar prear, essas coisas todas.”<sup>32</sup>

As instituições sociais da Cidade Operária não podiam ser freqüentados por pessoas estranhas aos quadros da CSN. Nem mesmo os equipamentos de saúde. E isso criava na população uma consciência muito clara da diferença entre as duas áreas:

“Os meus filhos tiveram que nascer em Barra do Pirai, porque aqui não tinha condição. Nós não tínhamos acesso ao Hospital da Siderúrgica, que ficava no Acampamento Central. Ele era privativo dos empregados da Siderúrgica. Naquela época se dizia assim: ‘lá fora’ e ‘lá dentro’. ‘Lá dentro’ era aquilo tudo que a Siderúrgica preparou para receber os seus empregados ‘Aqui fora’ tudo era improvisado.”<sup>33</sup>

Ao final da década de 40 a carência e a precariedade urbanas já mobilizavam a população local:

“Por essa razão é que nós começamos a trabalhar e reivindicar da Prefeitura de Barra Mansa. Pelo estado de necessidade as pessoas foram se aproximado. E o nosso encontro geralmente era nas farmácias, porque nas farmácias aconteciam os bate-papos, e sobretudo na Coletoria Estadual. Então o coletor era amigo nosso, agente ia para lá bater papo, e começamos a sentir o probolema.”<sup>34</sup>

Os setores médios da população – comerciantes, proprietários de terras, profissionais liberais, funcionários públicos – foram os que primeiro se mobilizaram na luta por melhorias urbanas. Farmacêuticos, funcionários da coletoria e advogados, desempenharam papéis relevantes no movimento, determinados pelo saber específico, pela função ou formação profissional. Os farmacêuticos eram os homens da ciência, que, com suas noções de saúde, higiene e saneamento faziam crescer a indignação contra a ausência de infraestrutura básica. Os funcionários da Coletoria eram os conhecedores da economia local, os que viam a entrada de recursos e a ausência de benefícios e os advogados eram os homens da lei, os que poderiam dar forma e encaminhamento legal aos desejos e reivindicações da população. A todos, o espaço desurbanizado incomodava pelos obstáculos que criava ao pleno desenvolvimento de seus negócios e interesses.

Em 1949, segundo o advogado Jamil Wadih Rizkalla, o movimento começou a ganhar corpo, a se institucionalizar.

Mas esses dois mundos mantinham uma interdependência impossível de ser dissimulada. A Cidade Operária não abrigava a totalidade dos trabalhadores e necessitava, portanto, da área urbana que lhe era externa. Em linhas gerais, podemos dizer que, em uma década, Volta Redonda foi perdendo características de uma “company town”<sup>35</sup> submetida a uma única empresa que

detém a propriedade do solo e dos equipamentos coletivos, além de um corpo armado para garantir a segurança do seu território, para se transformar numa cidade industrial e num centro urbano de importância regional.

Isto não significa, no entanto, que a Companhia Siderúrgica Nacional tenha deixado de ter um peso incomparável na vida da comunidade. Em muitos documentos da empresa, e mesmo na imprensa, os nomes da Companhia e da cidade se confundem, fala-se indistintamente em “Volta Redonda” ou em “Companhia Siderúrgica Nacional”, como se ambas fôsem uma coisa só, marcando a simbiose entre cidade e fábrica.

O autoritarismo então inscrito na gênese da CSN permanecerá durante muitos anos. Mas, a emergente vida refletindo a dialética reencontrará seus referenciais de resistência explicitando assim o conflito que permeia, desde a origem, a história da CSN e de Volta Redonda.

Em muitos documentos da empresa, e mesmo na imprensa, os nomes da Companhia e da cidade se confundem; fala-se indistintamente em “Volta Redonda” ou em “Companhia Siderúrgica Nacional”, como se ambas fossem uma coisa só, marcando a simbiose entre cidade e fábrica.

Ainda hoje, quando Volta Redonda chega a ter 300 mil habitantes, a massa física da CSN domina a cidade. A Companhia pode ser vista de quase todos os pontos. Sua presença é dominante. Durante o dia, a longilínea massa negra recorta o céu claro. À noite, iluminando em espiral, o alto-forno confirma a onipresença da Usina.

A CSN reproduziu em suas relações sociais e espacialidade, um prisma multifacetado do capitalismo.

#### **Bibliografia:**

1. ATHAYDE, J. B. de. **Volta Redonda através de 220 anos de História**. Rio de Janeiro: Gráfica Lammert Ltda., 1965.
2. CARLOS, Ana Fani. **Espaço e Indústria**. São Paulo: EDUSP, 1995.
3. COSTA, Alkindar. **Volta Redonda, Ontem e Hoje**. Volta Redonda: Editora GLAN, 1983.

4. CRAVO, Leonor Barreira. **Aspectos de Volta Redonda (1919-1941)**. Volta Redonda, mimeografado.
5. HOBBSAWN, Eric. **A Era do Capital (1848-1875)**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.
6. MACEDO SOARES SILVA, Edmundo de. **O Ferro na História e Economia do Brasil**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Sesquicentenário, Sidergráfica, 1972.
7. SANTOS, Milton. **Por uma Geografia Nova**. São Paulo: HUCITEC, 1986.
8. SILVA, Lenira Rique. **A natureza contraditória do Espaço Geográfico**. São Paulo: Editora Contexto, 1991.
9. SOUZA, Cláudia Virgínia Cabral de Souza. **Pelo Espaço da Cidade. Aspectos da Vida e do Conflito Urbano em Volta Redonda**. Tese de Mestrado. Rio de Janeiro: UFRJ, 1992.

---

<sup>1</sup> **Mestra em História Social pela Universidade Severino Sombra – Vassouras e Professora de História da República do Centro Educacional Geraldo Di Biase – Volta Redonda.**

<sup>2</sup> Volta Redonda – “nome oriundo do acidente geográfico no Rio Paraíba do Sul que levaram os primeiros habitantes a designarem a margem esquerda do rio. A outra parte, que é vista à direita, a partir da base do morro, era designada por Volta Grande”. ATHAYDE, J. B. de. **Volta Redonda através de 220 anos de História**. Rio de Janeiro: Gráfica Lammert, Ltda, 1965. p. 11.

<sup>3</sup> “peste do gado” – nome dado a febre aftosa que é extremamente contagiosa, causada por um ultravírus específico, e que atinge os bovinos, caprinos e suínos – Grande Dicionário Larrousse Cultural da Língua Portuguesa. São Paulo: Editora Nova Cultural.

<sup>4</sup> ATHAYDE, Op. Cit., 1965. p. 32.

<sup>5</sup> Em 1940, segundo o Censo Demográfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Santo Antônio de Volta Redonda possuía 2782 habitantes. Destes, 793 compunham o quadro urbano, 224 o quadro suburbano e 1765 o quadro rural. Portanto, no povoado e cercania viviam 1017 pessoas.

<sup>6</sup> CRAVO, Leonor Barreira. **Aspectos de Volta Redonda (1919-1941)**. Volta Redonda, mimeografado.

<sup>7</sup> SANTOS, Milton. **Por uma Geografia Nova**. São Paulo: HUCITEC, 1986. p. 28.

<sup>8</sup> SANTOS, Milton. Op. Cit. p. 46.

<sup>9</sup> Idem, p. 46.

<sup>10</sup> CARLOS, Ana Fani. **Espaço e indústria**. São Paulo: EDUSP, 1995. p. 19.

<sup>11</sup> IAPI – Instituto de Aposentadoria e Pensão dos Industriários.

<sup>12</sup> CSN – Relatório da Comissão Executiva do Plano Siderúrgico Nacional.

<sup>13</sup> MACEDO SOARES e SILVA. Op. Cit., 1972. p. 155.

<sup>14</sup> “Santo Antônio de Volta Redonda” foi o 8º distrito de Barra Mansa até 17 de julho de 1954 – data de sua emancipação. O novo município do Estado do Rio de Janeiro passou a se chamar somente Volta Redonda.

<sup>15</sup> Os antigos habitantes eram pequenos comerciantes ou dedicavam-se a atividades agro-pastoris. A grande maioria não se adaptou ao ritmo pesado da construção da Usina.

<sup>16</sup> Companhia Siderúrgica Nacional, s/d, Volta Redonda. 1942.

<sup>17</sup> CARLOS, Ana Fani. Op. Cit. 1995, p. 49.

<sup>18</sup> Attilio Corrêa Lima formou-se em arquitetura na Escola Nacional de Belas Artes, no Rio de Janeiro, em 1925, e cursou em urbanismo na Sorbonne, em Paris. Foi um dos primeiros a se especializar nesta área do conhecimento no Brasil. Desenvolveu importantes trabalhos, como o Plano de Goiânia e o Plano Regional de Urbanização do Vale do Paraíba.

<sup>19</sup> Relatórios dos trabalhos feitos até abril de 1942 pelo Escritório de Obras – Arquivo da CSN – Volta Redonda.

<sup>20</sup> CARLOS, Ana Fani. Op. Cit., 1995, p. 38.

<sup>21</sup> SANTOS, Milton. Op. Cit., 1986, p. 36.

<sup>22</sup> “Corrida do Aço” é o percurso de ferro-gusa (líquido), por canaletas, do alto-forno até a aciaria, onde é convertido em aço.

---

<sup>23</sup> Senhor Osmar de Paula – operário aposentado da CSN - trecho da entrevista concedida a autora.

<sup>24</sup> SILVA, Lenira Rique. **A Natureza Contraditória do Espaço Geográfico**. São Paulo: Editora Contexto, 1991, p. 89.

<sup>25</sup> Jornal “O Lingote”. Ano I, nº 13, p. 6.

<sup>26</sup> Idem. “O Lingote”. p. 7.

<sup>27</sup> Dados do Censo Demográfico de 1950 - FIBGE

<sup>28</sup> “Transbordamento” – processo de crescimento em torno de uma vila operária, que resulta na transformação desta em núcleo originário de uma cidade maior. MARICATO, Ermínia (org.). **A Produção Capitalista da Casa e da Cidade no Brasil Industrial**. São Paulo: Alfa-Omega, 1981.

<sup>29</sup> Dr Jamil (como é conhecido na cidade) nasceu em Barra do Pirai e chegou à Volta Redonda em maio de 1944, indo morar na Avenida Paulo de Frontin – eixo de ligação entre os dois núcleos do povoado original. Na época era um jovem estudante de direito em Niterói, em final de curso. Sua mudança para Volta Redonda foi motivada por “interesses de família”: comércio e outras coisas... Foi o primeiro advogado que se estabeleceu em Volta Redonda, na área externa à Cidade Operária. SOUZA, Claudia Virginia Cabral de Souza. **Pelo Espaço da Cidade**. Aspectos da Vida e do Conflito Urbano em Volta Redonda. Tese de Mestrado. Rio de Janeiro: UFRJ, 1992.

<sup>30</sup> Jamil Wadih Rizkalla. in SOUZA, Claudia Virginia Cabral. Op. Cit. 1992.

<sup>31</sup> Idem. 1992. p. 88.

<sup>32</sup> Idem. 1992, p. 89.

<sup>33</sup> Idem. Jamil Wadih Rizkalla. in SOUZA, Claudia Virginia Cabral. Op. Cit. 1992.p. 91.

<sup>34</sup> Idem. Jamil Wadih Rizkalla. in SOUZA, Claudia Virginia Cabral. Op. Cit. 1992.p. 92.

<sup>35</sup> HOBBSAWN, Eric. **A Era do Capital (1848-1875)**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977, p. 225.